

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

9-1-1977

1977 Vol. 12: Por Uma Congregação Mais Internacional

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1977). 1977 Vol. 12: Por Uma Congregação Mais Internacional. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/12>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

I/D 12

EQUIPA GENERALÍCIA

Setembro
de 1977

POR UMA CONGREGAÇÃO MAIS INTERNACIONAL

Ac longo das nossas visitas com frequência nos pediram que explicitássemos o nosso pensamento quanto à *Internacionalidade*. Os Capitulantes de 1974 e os membros do Conselho Geral Ampliado de 1976 estavam convencidos da necessidade de uma internacionalização mais intensa da Congregação. Todavia alguns Espiritanos levantam dificuldades e reservas.

"Já se deram conta de quanto é difícil viver com estrangeiros? Uma comunidade internacional seria o tocar a finados da vida de comunidade!"

"Estão ao corrente das tensões existentes nos Institutos missionários que, por princípio, misturam as nacionalidades a nível das comunidades locais?"

AS EQUIPAS INTERNACIONAIS : T E S-
MUNHO DE CARIDADE.

Já em 1969 o Capítulo Geral se pronunciou a favor de equipas internacionais que trabalhassem em situações de primeira evangelização, pois tais equipas são mais próprias a testemunhar a catolicidade da Igreja, e mais capazes, pelo sinal de fraternidade que dão, de revelar Deus que é amor (D.D. 383).

Quanto mais a Congregação se internacionalizar, mais se tornará possível que spiritanos africanos, americanos e europeus vivam e trabalhem em conjunto em equipas apostólicas. O Capítulo de 1974 viu a necessidade de responder às precisões missionárias do nosso tempo reforçando o carácter internacional do nosso Instituto. Assim poderemos participar melhor nos esforços de aproximação e de reconciliação entre os homens (D.A. 25).

Que significa para nós a internacionalidade ?

Significa:

- ‡ a amizade entre spiritanos de diferentes nacionalidades;
 - ‡ esforçar-se por bem acolher os spiritanos de outras Províncias e Distritos e fazer-lhes sentir que são bem-vindos a sua casa;
 - ‡ aprender as línguas de outros spiritanos;
 - ‡ trabalhar em conjunto em equipas internacionais;
 - ‡ a visita das Províncias e Distritos vizinhos pelos Su periores Provinciais e Principais; fazer cair as barreiras entre as Províncias e os Distritos;
 - ‡ a colaboração de circunscrições spiritanas em projectos comuns, por ex. numa nova fundação spiritana;
 - ‡ a corresponsabilidade de todas as circunscrições spiritanas no projecto comum da Congregação, muito especialmente nos domínios do pessoal e das finanças;
 - ‡ a convicção pessoal de que a nossa pertença à Congregação enquanto tal é mais importante do que a pertença a uma determinada Província ou Distrito.
- A internacionalidade deveria ser tarefa de todo o Espiritano!

Uma Congregação mais internacional

Quereríamos tentar explicar, na medida das nossas forças, porque é que nós julgamos que uma maior abertura para a internacionalidade é necessária à Congregação, se ela quiser adaptar-se às mudanças dos nossos tempos. Estamos numa época de grandes transformações no mundo e, portanto, também nas missões. Conhecemos o passado e do presente sabemos o bastante para adivinhar o que poderá ser a missão de amanhã. Será sem dúvida muito diferente do

que era na época missionária que acaba de passar, pelo simples facto de muito ter evoluído a situação humana nos últimos vinte anos.

O Espírito Santo tem trabalho para a Congregação; enquanto comunidade e como indivíduos, deveríamos, segundo a expressão do Venerável Padre, *deixar agir Deus e ser instrumentos doces nas suas mãos*. E cremos que o Espírito Santo nos pede hoje que sejamos menos nacionalistas e mais internacionais, quaisquer que sejam as nossas incertezas e hesitações sobre a configuração exacta do nosso futuro. Esperamos não ser "nem Judeus nem Gregos".

UM OLHAR SOBRE O NOSSO PASSADO

No tempo das colónias, a Congregação organizou-se em Províncias e Distritos, imitando as potências coloniais e suas respectivas colónias. Do mesmo modo que as nações da Europa tinham colónias em África, assim tinham os seus Distritos as nossas Províncias da Europa. Havia então legítimas razões para enviar missionários franceses para as colónias francesas e missionários portugueses para as colónias portuguesas. Libermann era partidário de uma fundação espiritana na Irlanda, no tempo em que esta nação ainda fazia parte do Reino-Unido; os missionários irlandeses seriam mais bem aceites nas colónias britânicas do que missionários de outras nacionalidades.

A época colonial era também o tempo do 'Jus Commissionis', em que a evangelização de vastas regiões era confiada não propriamente aos bispos mas às congregações missionárias. Qualquer viajante podia então encontrar em África, aqui uma igreja "francesa", além uma igreja "holandesa", mais acolá uma igreja "alemã" ou "irlandesa". Não tinham ainda nascido as jovens Igrejas. Inconscientemente, os missionários, vivendo, pela força das circunstâncias, em blocos nacionais e de uma mesma Congregação, tiveram a tendência de impor às novas comunidades cristãs o modelo da sua Igreja de origem. Dentro da Congregação fronteiras invisíveis se levantaram também entre os diversos conjuntos formados por cada província-com-~~os~~-seus Distritos. Para a maioria dos a Congregação era "a nossa Província".

UMA NOVA INTERPELAÇÃO

O aparecimento da Igreja do Terceiro-Mundo

Há pouco tempo ainda a Igreja parecia verdadeiramente implantada apenas no Ocidente, uma Igreja ocidental que enviava os seus para os territórios de missão na Ásia e na Oceania, na América e na África. Foi recentemente, talvez apenas depois do *Sínodo* sobre a evangelização (1974), que os cristãos das velhas cristandades se deram conta de que as Igrejas do Terceiro-Mundo se haviam tornado adultas: *um homem lançou a semente à terra: durma ou ande a pé, de noite ou de dia, a semente germina e cresce, sem ele saber como* (Mc.4,27). Hoje a liderança na Igreja universal é cada vez mais partilhada pelas jovens e vigorosas Igrejas da África, da Ásia e da América do Sul. Nunca a Igreja foi mais católica, mais universal geograficamente do que hoje.

'UMA IGREJA UNIVERSAL, sem limites nem fronteiras' (Evang.Nunt. 61).

Agora que as jovens Igrejas estão estabelecidas na maior parte das regiões do mundo, a preponderância das antigas Igrejas que enviavam missionários deu lugar a uma comunhão internacional de Igrejas partilhadas: o envio e o acolhimento são recíprocos nesta comunhão em que a Igreja universal se incarna e vive. Assim como a dependência das antigas colónias relativamente aos seus senhores ocidentais deu lugar a relações de igualdade entre as antigas colónias e as antigas potências coloniais, assim também a dependência das jovens Igrejas em relação às Igrejas que lhes 'enviavam' missionários, foi substituída pela permuta e partilha entre as Igrejas locais: entre Igrejas de velha cristandade e jovens Igrejas, entre Igrejas africanas, entre Igrejas africanas e as da Ásia e da América do Sul.

Este ideal da comunhão entre Igrejas locais, na fraternidade, responsabilidade, permuta e partilha faz parte da tradição da Igreja logo desde as suas origens. Nos nossos dias, os modernos meios de comunicação facilitam a colaboração e ajuda mútua das 'velhas' e 'jovens Igrejas'.

UMA CONGREGAÇÃO INTERNACIONAL NUMA IGREJA LOCAL.

Todas as circunscrições religiosas espiritanas pertencem num sentido muito real à Igreja local do lugar do seu estabelecimento, quer este lugar seja a Igreja de origem dos seus membros, quer uma Igreja em que os Espiritanos trabalhem fora da sua pátria com o clero local. Mas uma Província ou Distrito da Congregação não fazem apenas parte da Igreja local. O nosso Instituto deve a sua existência a uma iniciativa especial do Espírito Santo, *que inspira a vocação missionária no coração dos indivíduos e suscita ao mesmo tempo na Igreja Institutos que tomam como dever próprio a missão de evangelizar, pertencente a toda a Igreja (Ad Gentes, 23)*. O lugar de um Instituto no quadro de uma Igreja local é o que este Instituto se escolheu, sob a direcção do Espírito Santo, primeiramente segundo as opções feitas pelos seus Fundadores e depois segundo as opções continuamente renovadas pelos seus membros.

A presença numa Igreja local de um Instituto religioso internacional deveria levar a essa Igreja uma qualidade de catolicismo e de universalidade que a ajudasse a participar mais plenamente nos valores e nas riquezas da Igreja universal.

A CONGREGAÇÃO É MUITO MAIS QUE UM SEMI- RIO DE MISSÕES.

A pertença de um Espiritano à Igreja local ficaria empobrecida na medida em que ele não estivesse concretamente consciente da sua pertença à nossa comunidade fraterna. Não somos espiritanos simplesmente por outrora termos tido a nossa primeira formação sob os auspícios da Congregação do Espírito Santo. A Congregação é uma família religiosa internacional, uma comunidade missionária de que cada Espiritano é membro, uma comunidade com espiritualidade, vida e fim comuns. Um Espiritano que cultive a consciência da sua pertença à Congregação, que estude o seu património espiritual enriquece-se necessariamente a si próprio e enriquece a Igreja em que vive e trabalha.

O missionário que dissesse:

"Eu sinto-me feliz no meu trabalho, mas o grupo missionário a que per-

tenço, esse já passou à história e já não tem sentido", tal missionário neste ponto teria total falta de fé e de esperança. O velho estilo da missão acabou: hoje a Congregação procura caminhos novos, novos processos; o seu êxito dependerá da fé e da esperança dos seus membros, da sua fidelidade ao carisma dos Fundadores, e, para usar o vocabulário tradicional, do seu espírito de oração e do seu zelo apostólico.

O ENCONTRO DOS JOVENS ESPIRITANOS.

Quando este número vos chegar às mãos terá já terminado o encontro de Aranda de Duero, na Espanha. O seu fim era reunir jovens espiritanos para discutir o futuro da Congregação. Não era um Capítulo, mas sim um encontro de jovens, de diversas nacionalidades. A Congregação não está em vias de fechar as suas portas, não se prepara para apagar as luzes. A velha árvore está a lançar novos ramos, bem verdes; a velha Congregação está a renascer. Ela é como uma grande fogueira, que flamejava alegremente nos anos de 40 e 50, a abrasar o zelo dos missionários dessa época. Hoje o fogo ainda lá está, mas as cinzas cobrem os carvões ardentes. Trata-se, pois, de limpar as cinzas, juntar as brasas, reavivar a chama. É isto sem dúvida o que nós entendemos por internacionalidade!

Tudo isto é a tela de fundo em que temos de lançar, de projectar, esta ideia das Equipas internacionais. Há uma deslocação de responsabilidade tornada quase exclusiva das Províncias para com os "seus" Distritos, para uma responsabilidade partilhada pelo conjunto das Províncias, coordenada pela Casa Generalícia. Colaboração que vai traduzir-se em múltiplos domínios, incluído o do pessoal.

Assim "A internacionalização" é uma consequência prática da evolução da Missão.

Podemos ainda ir mais longe e dizer que nesta internacionalidade nos tornamos também mais um sinal do que a Missão quer ser: reunir, reconciliar em Cristo, derrubar as fronteiras. Se nas nossas equipas missionárias pudéssemos unir o que, a nível das relações entre os povos, está tão frequentemente em conflito e em oposição: gentes de todas as partes do mundo..., então, sim, seríamos um sinal eloquente do Reino!

(Frans Timmermans, Cartas sobre as Equipas internacionais, Abril de 1976).

Dirigir todas as comunicações a:
Service d'information,
Congregazione dello Sp.Santo
Clivo di Cinna, 195, 00136-ROMA.

É assim que o Cardeal Younggrana pôde dizer, em nome dos bispos da África e de Madagáscar: *temos a consciência de ter um contributo original a dar à Igreja universal. Temos a consciência de ter uma responsabilidade para com estas Igrejas da velha cristandade que no passado nos evangelizaram* (SECAM, Symposium, 1975). Quanto mais as Igrejas locais colaborarem, mais os membros destas Igrejas, antigas ou jovens, compreenderão que todos são iguais e que todos têm o dever de contribuir para a vida e desenvolvimento da Igreja, que é missionária por natureza, e na qual se podem encontrar situações missionárias em cada continente e talvez até em cada país.

COMO PODE A CONGREGAÇÃO RESPONDER A ESTAS INTERPELAÇÕES?

AS JOVENS IGREJAS

As jovens Igrejas passaram de uma dependência unilateral de certas Igrejas ocidentais a uma situação de igualdade numa interdependência entre Igrejas sem fronteiras nacionais. A maior parte destas Igrejas continuam a precisar de missionários estrangeiros e continuam a dirigir-lhes os seus apelos. Os missionários já não são apenas "enviados", são também "convidados" E RECEBIDOS COMO AUXILIARES DO CLERO LOCAL. "A ajuda às jovens Igrejas para lhes facultar atingirem uma certa estabilidade e firmeza (D.D.3) faz parte da actividade missionária da Congregação.

DIVERSIFICAÇÃO

Em certas Igrejas jovens a presença de grandes blocos de uma mesma Congregação ou de um mesmo país de origem pode ser obstáculo à formação de uma Igreja verdadeiramente local (cf. D.A. 17). A diversificação do pessoal ido de fora pode tornar mais leve o peso desse flocó e facilitar a incarnaçáo do Cristianismo na cultura local.

Em muitas jovens Igrejas os fiéis têm um conhecimento muito limitado das diversas formas de vida religiosa que fazem parte da riqueza da Igreja universal; deveríamos fazer todo o possível por favorecer a ida de outras ordens ou congregações para as terras onde nós trabalhamos.

NOVAS FUNDAÇÕES ESPIRITANAS

Uma Congregação internacional como a nossa pode, ao menos de certo modo, reflectir a universalidade da Igreja. Assim como a Igreja universal está hoje tão fortemente representada no Ter-

ceiro-Mundo como na Europa, assim a Congregação, embora tardia-mente, está a lançar raízes vigorosas na África e na América do Sul. Muito recentemente foram fundadas Províncias na Nigéria e em Angola. Há também fundações espiritanas na Tanzânia, Camarões e Porto-Rico. As jovens Igrejas procuram tornar-se mais missionárias. Podemos ajudá-las em toda a parte onde trabalharmos, se acolhermos os jovens que desejem entrar na Congregação, naturais dessas terras. Deveríamos encarregar-nos da sua formação, pelo menos durante os primeiros anos, nos limites territoriais da Igreja local. Em cada caso deveríamos tender a criar uma província da Congregação que por sua vez procuraria um estilo de vida adaptado ao meio ambiente e que desempenharia uma função própria no nosso projecto comum.

A nossa Congregação tem por fim o serviço *dos homens e dos povos em maior necessidade, mais abandonados* (D.A. 3). Os Espiritanos procuram imitar Cristo enviado pelo Espírito a levar "a Boa Nova aos Pobres". Uma fundação espiritana contribuirá para tornar mais missionária a Igreja local, sobretudo se ela se orientar para a evangelização dos que são pobres num sentido especial, por não terem ainda ouvido a Boa Nova de Cristo. Na África há hoje milhões de pessoas abertas ao Evangelho e ainda não evangelizadas.

RESPEITO DA DIVERSIDADE NAS COMUNIDADES INTERNACIONAIS.

A própria Congregação é uma equipa internacional. O Capítulo Geral de 1974 reagiu contra a tendência de várias províncias de se debruçarem sobre si próprias, "cada qual para si". Acentou o facto de estarmos *reunidos em Cristo numa comunidade fraterna para vivermos e realizarmos juntos o nosso projecto comum* (D.A.24). Mas a comunidade fraterna a que pertencemos compõe-se de homens que realçam culturas diversas tanto no mundo ocidental como no Terceiro-Mundo. A nossa unidade reforçar-se-á, tanto na Congregação como nas comunidades locais, na medida em que respeitarmos a diversidade de cultura dos nossos confrades. Uma comunidade internacional deveria ser um lugar em que cada confrade se sentisse verdadeiramente em sua casa.